

CONTEÚDO

Prefácio	5
Sumário executivo	7
Consenso Estratégico sobre o Valor da Imuno-Oncologia em Portugal	14
Metodologia	15
Contexto atual	20
A imunoterapia no tratamento do cancro	22
O valor e inovação em saúde	34
Sessões plenárias e níveis de consenso	39
Nível de Consenso A	40
Conhecimento existente em Portugal sobre a doença oncológica	42
A imuno-oncologia enquanto estratégia terapêutica	49
Gestão da doença	51
Nível do Consenso B	56
O problema financeiro associado ao custo da imuno-oncologia	59
Normas para a utilização da imuno-oncologia no tratamento do cancro	64
A regulação do acesso à inovação terapêutica	65
Nível de Consenso C	68
Integração da imuno-oncologia na prática clínica	71
Abordagem intersectorial	72
O modelo de financiamento da inovação/custos totais da imuno-oncologia	73
Principais conclusões	76
Composição do Steering Committee e Lista de Participantes	79
Redatores científicos	80
Glossário de siglas e acrónimos	81
Bibliografia	82

PREFÁCIO

Quando iniciei o meu doutoramento em 1998, num laboratório de Imunologia no Cancer Research UK, o maior instituto europeu de investigação sobre cancro, a Imuno-Oncologia era quase tabu: os imunologistas perseguiam a doença há quase um século com sucesso muito limitado, pelo que eram largamente ignorados pelos seus colegas da Oncologia. Apenas 15 anos depois, a revista Science considerava a imunoterapia do cancro o grande avanço científico de 2013, com o título de capa “T cells on the attack”. Os pioneiros da sua nova fase, a da Imuno-Oncologia baseada em checkpoint inhibitors (anticorpos monoclonais bloqueadores dos recetores inibitórios dos linfócitos T, CTLA-4 e PD-1), têm sido distinguidos desde então por todas as associações médico-científicas, e são candidatos eminentes ao Prémio Nobel da Medicina e Fisiologia.

Em abril do corrente, na reunião internacional da Associação Portuguesa de Investigação em Cancro (ASPIC), o Doutor Jeffrey Weber (Langone Medical Center, Nova Iorque), pioneiro da aplicação clínica da imuno-oncologia, classificou-a de revolucionária no tratamento do melanoma. Tendo já tratado mais de 900 doentes com checkpoint inhibitors, o Dr. Weber salientou a possibilidade muito real de cura dos doentes que se mantenham em remissão para lá dos 2 anos. Com efeito, para os doentes cujo follow-up de resposta já vai em 10 anos, a palavra “cura” deixou também de ser tabu.

O sucesso no melanoma estendeu-se entretanto a carcinomas do pulmão e do rim, e várias centenas de ensaios clínicos tentam testar a capacidade do sistema imunitário lidar com outros tumores resistentes aos tratamentos convencionais e às terapias-alvo disponíveis. As aprovações, em tempos recorde, do uso destes medicamentos inovadores (e suas combinações), em diversos tipos de cancro, nos Estados Unidos (FDA) e na Europa (EMA), atestam o seu inegável potencial clínico.

Neste contexto, esta é uma altura crítica para se construírem consensos à volta da Imuno-Oncologia em Portugal. Tal como definido pela WHO (World Health Organization), a política de saúde deve ser baseada em consensos que informem a sociedade e permitam definir as prioridades de implementação. Tal envolve decisões difíceis de divisão de recursos, bem como necessidade de remodelações profundas dos sistemas vigentes, o que pode causar resistências que custam vidas.

É urgente compreendermos e aceitarmos a evidência científica que constitui a Imuno-Oncologia, e encontrarmos os mecanismos para o acesso destas terapêuticas inovadoras a quem delas necessita. Este livro de consensos é um passo importante, que espero tornar-se decisivo, para que os agentes de mudança em Portugal se unam em torno da Imuno-Oncologia com este propósito tão nobre: prolongar a vida humana, melhorando a qualidade de vida.



Bruno Silva Santos

Diretor do Laboratório de Imuno-Oncologia

Vice-Presidente do Instituto de Medicina Molecular

Professor Associado da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa